



**Deus, em tua graça,
transforma o mundo**

Conselho Mundial de Igrejas
9ª Assembléia
14 a 23 Fevereiro de 2006
Porto Alegre, Brasil

As igrejas e a busca de unidade visível

A busca da unidade visível entre as igrejas cristãs é o primeiro objetivo do movimento ecumênico. Essa busca tem muito a ver com o modo como as igrejas vêem a si mesmas, como elas se organizam e como elas se relacionam entre elas e com o mundo. Em linguagem teológica, essas são questões eclesiológicas. Sendo assim, ao falar de "unidade", as igrejas também falam de "eclesiológica".

A nona Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas deve adotar um documento tratando dessas duas questões (ver abaixo). O documento é resultado de uma longa história de diálogo sobre como as igrejas envolvidas no movimento entendem umas às outras, como elas entendem os conselhos de igrejas aos quais pertencem e como elas entendem o objetivo de unidade "visível".

Como as igrejas entendem umas às outras

A expressão "una, santa, católica e apostólica" descreve a natureza da comunidade cristã, isto é, sua unidade, santidade, universalidade e apostolicidade (ou seja, sua continuidade em relação à fé e as igrejas das origens cristãs). A expressão "una, santa, católica e apostólica" aparece no Credo Niceno, adotado pela primeira vez em 325, revisado mais tarde, em 381, e que continua tendo a mais ampla aceitação entre os cristãos.

Podemos distinguir basicamente duas maneiras pelas quais as igrejas se auto-define:

- Algumas igrejas, como as igrejas ortodoxas, as igrejas ortodoxas orientais e a Igreja Católica Romana definem-se a si mesmas como **a** igreja "una, santa, católica e apostólica".

- Outras igrejas, como muitas igrejas protestantes, entendem que elas são **parte** da igreja "una, santa, católica e apostólica".

Quando igrejas com visões distintas acerca de si mesmas se reúnem em uma "comunidade fraternal de igrejas", surgem questões: até onde elas reconhecem umas às outras como sendo a igreja? De que forma esse reconhecimento pode afetar a visão que cada uma tem de si mesma?

A "Declaração de Toronto", recebida pelo Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas em 1950, procurou esclarecer questões que datavam da fundação do CMI, ao afirmar que ser membro do CMI não significa que uma igreja "trate sua própria concepção de igreja como meramente relativa" ou aceite uma "doutrina específica com relação à natureza da unidade da igreja". E, embora a participação na igreja

de Cristo "seja mais includente" que a participação na igreja de cada um, a participação no CMI "não significa que cada igreja deve considerar as outras igrejas-membro como igreja no sentido verdadeiro e integral da palavra".

Desde a Declaração de Toronto, a ênfase na compreensão das diferenças entre as igrejas e no engajamento cooperativo na missão e no serviço evoluiu para garantir que as igrejas, no futuro, se aproximassem mais em vez de se distanciar mais umas das outras.

As assembléias do CMI têm feito importantes declarações acerca da natureza da unidade que as igrejas buscam, mas, para alguns, a Declaração de Toronto continua articulando a compreensão básica das relações ecumênicas.

As igrejas em relação ao Conselho Mundial de Igrejas

Desde a sua fundação, o CMI foi visto como um instrumento através do qual as igrejas poderiam dar um testemunho conjunto. Entretanto, não estava claro em 1948 quais eram as implicações da natureza espiritual dessa comunidade fraternal de igrejas para a natureza e os limites do CMI.

A Declaração de Toronto afirmava que o CMI:

- "não é e não deve se tornar uma super-igreja";
- não negocia a união entre igrejas;
- "não pode e não deve se basear em qualquer concepção determinada de igreja".

Essa "neutralidade eclesiológica" tem sido questionada à medida que as funções e propósitos do CMI evoluem. Por exemplo, algumas igrejas entendem que o CMI está desenvolvendo características eclesiais, como sua própria liturgia, ou tomando posições que poderiam trazer o risco de impor doutrinas ou práticas às igrejas-membro.

Uma breve história da divisão cristã ...

Depois de 313, quando Constantino deu liberdade de culto aos cristãos, ocorreu uma série de divisões importantes entre as tradições cristãs:

A separação entre as **famílias de igrejas ortodoxa e ortodoxa oriental** data do Concílio de Calcedônia em 451, que foi aceito pela família *ortodoxa* (todas as igrejas que hoje estão em comunhão com a sé de Constantinopla) e não foi reconhecido pela família *z* (isto é, as igrejas Copta, Síria, Armênia, Etíope, Eritréia e Malankara, esta última da Índia).

O Grande Cisma, ou Cisma Oriental, entre o Oriente (ortodoxo) e o Ocidente (católico romano). As relações entre as tradições cristãs oriental e ocidental foram abaladas progressivamente. As diferenças em teologia, liturgia e autoridade foram agravadas por conflitos políticos e culturais. Embora o cisma tenha ocorrido ao longo dos séculos, ele costuma ser datado de 1054, quando os dois lados trocaram condenações oficiais (anátemas).

A **Reforma Protestante** foi uma série de movimentos religiosos, sociais e políticos a partir dos quais surgiram, progressivamente, as igrejas luteranas e reformadas, entre outras. Seu começo simbólico é datado de 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero lançou um convite para debater 95 teses relacionadas ao ensinamento e à prática de indulgências dentro da Igreja Católica Romana.

Em 1534, o **Ato de Supremacia** fez do rei Henrique VIII o cabeça da Igreja da Inglaterra.

A **Reforma Radical** rejeitou tanto a tradição católica romana quanto as alternativas protestantes a ela, em função daquilo que ela considerava como o cristianismo verdadeiro ou apostólico. Isso gerou tradições como o anabatismo e pietismo.

O capítulo "Como o Conselho Mundial de Igrejas vê a si próprio", da declaração "Rumo a uma compreensão e visão comuns do Conselho Mundial de Igrejas" (1997) assume a idéia do Conselho como um "desafio eclesiológico" a suas igrejas-membro. Observa-se que, enquanto diferentes igrejas podem entender de forma distinta o uso das palavras comunidade fraternal (fellowship) nas bases do Conselho, o termo pelo menos sugere "que o Conselho é mais do que uma simples associação funcional de igrejas estabelecida para organizar atividades em áreas de interesse comum".

O atual documento

"Chamadas a ser a Igreja Una"

Antes da Assembléia de Harare, em 1998, as igrejas ortodoxas levantaram preocupações de que o CMI corria risco de se tornar "uma entidade paralela às igrejas e não seu instrumento" <<http://www.wcc-coe.org/wcc/whol/cretepost-01-e.html>>

Elas também expressaram preocupações com o fato de que o CMI estava assumindo uma determinada concepção eclesiástica de "unidade visível".

A Assembléia de Harare criou a Comissão Especial sobre a Participação Ortodoxa no CMI para estudar essas e outras críticas e propor as mudanças que fossem necessárias.

Em seu relatório final, em 2002, a Comissão Especial indicou algumas questões eclesiológicas que precisavam de mais estudo e esclarecimento. Com isso em mente, e em vista da tradição das declarações das Assembléias anteriores sobre a unidade, o comitê central solicitou que a Comissão de Fé e Constituição do CMI organizasse um processo que levasse a uma declaração sobre eclesiologia para a nona Assembléia.

Esse texto se chama "Chamadas a ser a igreja una. Um convite às igrejas para que renovem seu compromisso com a busca de unidade e aprofundem seu diálogo" (disponível em espanhol no livro *Programa de la Asamblea*, págs. 117-120). <<http://www.wcc-assembly.info/es/tema-y-asuntos/documentos-de-la-asamblea/documentos-de-trabajo-oficiales/eclesiologia.html>>

Ele procura expor o que as igrejas podem dizer juntas acerca da igreja, afirmar seu compromisso umas com as

outras dentro da fraternidade ecumênica, e estimular uma discussão renovada e mais intensa sobre questões que ainda as dividem. O documento é apresentado para adoção, não como uma declaração definitiva ou final, e sim como um convite a avançar e aprofundar o diálogo.

Este material pretende servir de informação geral para meios de comunicação e não reflete necessariamente a política do CMI. Assessoria de imprensa: media@wcc-coe.org +41-79-507-6363

Pessoas de referência:

- **Metropolitano Gennadios de Sassima**, Patriarcado de Constantinopla, Turquia
- **Pe. Viorel Ionita**, Igreja Ortodoxa da Romênia
- **Pe. Jorge Scampini**, Igreja Católica Romana, Argentina
- **Rev. Dr. Ofelia Ortega**, Igreja Presbiteriana, Cuba
- **Rev. Dr. Joseph Small**, Igreja Presbiteriana, EUA
- **Rev. Risto Saarinen**, Igreja Luterana, Finlândia
- **Rev. Dr. Thomas Best**, diretor da Comissão de Fé e Constituição do CMI

...e alguns esforços no sentido da unidade: documentos importantes do CMI

Atualmente, o Conselho Mundial de Igrejas representa 18 "famílias" de igrejas: Africana Instituída; Anglicana; Assíria; Batista; Discípulos; Livre; Hussita; Independente; Luterana; Mar Thoma; Metodista; Não-denominacional; Antiga Católica; Ortodoxa; Ortodoxa Oriental; Pentecostal; Reformada; Unida e em união. Marcos importantes, da perspectiva eclesiológica, foram:

1948 Assembléia de fundação do Conselho Mundial de Igrejas, em Amsterdã. Delegados de 147 igrejas declararam: "Pretendemos permanecer juntos" e fundaram oficialmente o CMI. Sua base foi expressa da seguinte forma: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunidade fraternal (fellowship) de igrejas que confessam ao Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador". Implicações importantes dessa base são: 1) como comunidade fraternal de igrejas, o CMI não pode exercer qualquer autoridade constitucional sobre as igrejas-membro; e 2) o CMI se baseia na fé em Jesus Cristo, mas as igrejas têm liberdade para interpretar essa fé à sua própria maneira.

1950 A Declaração de Toronto. Recebida pelo comitê central com o título "A Igreja, as igrejas e o Conselho Mundial de Igrejas. A importância eclesiológica do Conselho Mundial de Igrejas". <<http://www.wcc-coe.org/wcc/whol/morges-01-e.html>>

1961 Declaração de Nova Deli (terça Assembléia do CMI) sobre unidade e resposta ortodoxa. O parágrafo 2 é uma das declarações seminais e duradouras sobre a natureza da "unidade orgânica". <<http://www.wcc-coe.org/wcc/whol/crete-02-e.html>>

A Assembléia de Nova Deli adotou a base reformulada que permanece até hoje: "O Conselho Mundial de Igrejas é uma comunidade fraternal de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo

como Deus e Salvador, segundo as escrituras e, assim, buscam cumprir juntas sua vocação comum para a glória do Deus único, Pai, Filho, e Espírito Santo."

1982 Batismo, Eucaristia e Ministério (BEM). Esse "texto de convergência" de Fé e Constituição se tornou um dos textos ecumênicos mais amplamente lidos e discutidos nos tempos modernos, e tem servido de base para diversos acordos entre igrejas. As respostas das igrejas a ele demonstraram um impressionante grau de concordância sobre o batismo, embora persistissem questões sobre a eucaristia e o ministério. <<http://www.wcc-coe.org/wcc/what/faith/bem1.html>>

1991 Declaração de Canberra (sétima Assembléia do CMI). "A Unidade da Igreja: Dom e Vocação." O documento declara que "o objetivo da busca de comunhão integral será realizado quando todas as igrejas forem capazes de ver umas nas outras a igreja una, santa, católica e apostólica em sua plenitude". <<http://www.wcc-coe.org/wcc/what/faith/canb.html>>

1997 Rumo a uma compreensão e visão comuns do Conselho Mundial de Igrejas. Adotado pelo comitê central em 1997 e recomendado às igrejas. Reconhecido pela oitava Assembléia do CMI em 1998 como um "quadro e ponto de referência" para o trabalho do CMI no futuro. <<http://www.wcc-coe.org/wcc/whol/cuv-s.html>>

2002 Relatório Final da Comissão Especial sobre Participação Ortodoxa no Conselho Mundial de Igrejas Livro (em espanhol) *Programa de la Asamblea*, págs. 75-113 <<http://www.wcc-assembly.info/es/tema-y-asuntos/documentos-de-la-asamblea/documentos-basicos/comision-especial.html>>